

10 anos do Clube do Livro: contribuições na formação de sujeitos leitores

10 years of the Clube do Livro: contributions to the formation of readers

Deivison Conceição dos Santos

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

A leitura literária tem grande importância na formação dos estudantes, no entanto a sua fruição na escola encontra diversos empecilhos. Apesar dos entraves, pesquisas mostram percursos metodológicos e iniciativas que a tornaram satisfatória na escola. Este trabalho apresenta os principais problemas que dificultam a formação de leitores nas escolas e os resultados da pesquisa qualitativa *ex-post-facto*¹, realizada com ex-alunos da Escola Municipal Dr. Décio de Santana, sobre os 10 anos de contribuições do projeto Clube do Livro na formação de leitores, revelando que o projeto contribuiu de forma significativa no aprimoramento de competências e habilidades leitoras. Ainda, revela os principais problemas que acarretam a descontinuidade na formação leitora dos alunos que deixam a instituição quando terminam o ensino fundamental, sugerindo, dessa forma, soluções que dariam continuidade ao trabalho de formação de leitores que a escola realiza desde 2011. A base teórica alicerça-se, entre outros, em PETIT (2009), SANTOS; NETO; RÖSING (2009) e LERNER (2002).

PALAVRAS-CHAVE

Clube do Livro. Literatura. Leitura

ABSTRACT

Literary reading is of great importance in the training of students, however its enjoyment at school encounters several obstacles. Despite the obstacles, research shows methodological paths and initiatives that made literary reading satisfactory at school. This work presents the main problems that hinder the formation of readers in schools and the results of the *ex-post-facto* qualitative research carried out with former students of Escola Municipal Dr. Décio de Santana on the 10 years of contributions of the Clube do Livro

Deivison Conceição dos Santos

é Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/ UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3151-8542>

Recebido em:
10/09/2022

Aceito em:
18/05/2023

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 481- 493

1 A pesquisa *ex-post-facto* tem por motivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato indicado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre posteriormente (FONSECA, 2002, p. 32).

project in the formation of readers. It also reveals the main problems that lead to discontinuity in the training of readers who leave the institution when they finish elementary school, thus suggesting solutions that would continue the work of training readers that the school has been carrying out since 2011. The theoretical basis is based, among others, on PETIT (2009), SANTOS; NETO; RÖSING (2009) e LERNER (2002).

KEYWORDS

Clube do Livro. Literary. Reading

1. Introdução

A leitura literária exerce grande importância na formação humana, pois possibilita ao ser humano experiências e vivências que expandem sua consciência sobre si e sobre o outro. “[...] A leitura de obras literárias nos introduzem também em um tempo próprio, distante da agitação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades” (PETIT, 2013, p. 49). No entanto, seu usufruto foi por muito tempo um privilégio para poucos, já que tal hábito era uma atividade relegada às elites econômicas e intelectuais.

[...] a imaginação – que é tão importante – teve, durante muito tempo, má reputação: era considerada como um capricho de pequeno-burguês egoísta. E, na Europa, o patronato, a Igreja, as elites operárias, todo mundo estava de acordo em afastar os pobres deste tipo de risco, encaminhando-os para atividades coletivas de lazer devidamente vigiadas e com fins edificantes (PETIT, 2009, p. 83).

A democratização do acesso à educação, por meio das instituições escolares, mudou esse quadro elitista, dando às classes menos privilegiadas o direito ao aprendizado da leitura e, conseqüentemente, o domínio das habilidades para usufruir da leitura de ficção. Por isso pode-se afirmar que a escola teve e tem relevante responsabilidade na formação do leitor literário.

“Apesar disso a escola permaneceu ancorada em uma leitura ‘formativa’ de cartilhas, antologias e livros didáticos [...]” (COLOMER, 2003, p. 23). Encontram-se nela diversos empecilhos para que a leitura literária seja vivenciada de forma satisfatória. Por satisfatória entende-se engajamento do público-alvo, livros adequados, metodologia eficiente para se alcançar os objetivos propostos e intencionalidade em desenvolver habilidades e competências leitoras. Os fatores que dificultam a efetividade da leitura literária são sintomas de problemas históricos que impedem de tornar o país um exemplo na formação de leitores proficientes. Baixa formação acadêmica do professor, deficiências em sua própria formação leitora, políticas públicas efêmeras ou descontinuadas nas transições de governo são alguns dos principais problemas que assolam a educação brasileira.

No Brasil, a formação aligeirada – ou de meia tigela – dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as políticas educacionais caolhas fazem com que os sujeitos de ensino exerçam a profissão sem serem leitores (SANTOS; NETO; RÖSING, 2009, p. 23).

Todavia há luz no fim do túnel... Existe amplo leque de pesquisas na

área em questão que mostram resultados e caminhos metodológicos que podem contribuir para práticas de letramento literário na escola. Tendo em vista que “o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos” (PETIT, 2009, p. 22), e as instituições de ensino têm um papel de grande relevância nessa construção, Soares (2003) enfatiza que cabe à escola e não a outra instituição se responsabilizar pela leitura da escrita. Isso implica adotar metodologias e materiais adequados para se aprender leitura. Dessa forma, embora se saiba que a escola não pode monopolizar tal responsabilidade, somente ela, em tese, tem o arcabouço teórico e os profissionais ideais para sistematizar o ensino de leitura da escrita, lançando mão das estratégias mais eficazes e da utilização parcimoniosa do tempo destinado às atividades propostas.

Quando o assunto é leitura literária, há grandes equívocos sendo cometidos pela escola. Usados como pretextos para atividades gramaticais sem o menor sentido ou ineficazes quando levado em consideração o aprimoramento de competências e habilidades leitoras que visem a formação do leitor proficiente, o papel do texto literário foi e ainda é extremamente incompreendido na escola. Lerner (2002) enfatiza que o tratamento da leitura que a escola se propõe a fazer é perigoso, porque sempre está na iminência de assustar as crianças, em vez de aproximá-las.

Fica claro que instrumentalizar a literatura, tirando a essência do que se propõe originalmente um texto literário, contribui para formar no aluno a impressão errônea da sua finalidade: servir a propósitos pragmáticos, quando seus verdadeiros objetivos são inquietar, questionar, fazer refletir... “O consumo cultural dos alunos de hoje é diferente do de gerações anteriores, por isso é preciso repensar esse modo de tratar a leitura literária na escola” [...] (TERRA, 2014, p. 29-30).

Diante do exposto, evidencia-se que a escola ainda não aprendeu a dialogar com seus estudantes, desconsiderando suas inquietações, personalidades, aspirações e o fato de eles estarem imersos na sociedade em rede, na qual há um oceano de informações e mídias competindo pela atenção de crianças e adolescentes. Essa indiferença reflete-se nos modos de tratar a leitura literária, imposta, deslocada de intencionalidade, abordada de forma fria e formal e distante dos anseios da criança e do adolescente do século XXI, ou seja, uma leitura “da escola para a escola”.

Enquanto isso, a formação acadêmica dos professores mostra-se frágil no quesito ensino de leitura e mediação pedagógica da leitura. Mediadores de leitura são “entendidos como facilitadores das circunstâncias que aproximam o leitor do texto, da leitura” (SANTOS; NETO; RÖSING, 2009, p. 66). Segundo Cereja (2005), é de grande relevância o papel que o professor exerce, independente da forma como desenvolve e conduz o projeto de leitura na escola em que atua, como orientador de leitura e formador de leitores e do gosto literário. Todavia, os currículos dos cursos de Letras e Pedagogia (duas licenciaturas que estão mais envolvidas na área da leitura e da escrita) não dão conta de abarcar a complexidade do processo de leitura e das práticas culturais que a envolvem. Assim, o professor sai da universidade com saberes fragmentados e frágeis, culminando em um ensino que deixará diversas lacunas na formação dos estudantes.

A formação pedagógica que recebe se compõe de outros discursos a respeito da educação, com ênfase na descrição das mazelas do ensino em geral e do ensino de língua e literatura em particular e da discussão de generalidades a respeito de inovações para apresentar tal ou qual conteúdo do mesmo velho programa durante o estágio de prática de ensino. Tais inovações são ou formas mais *racionais* ou *modernas* de expor a gramática escolar ou a indicação do caminho aberto por novas teorias que vão embasar um trabalho *totalmente novo*, cabendo ao aluno em sua prática profissional descobrir exatamente qual é. E o resultado é um aluno crítico incapaz de qualquer autocrítica, que, nunca tendo exercitado a penosa construção por escrito do saber, vai, em suas aulas de português, repetir os discursos que ouviu durante a graduação (GUEDES, 2006, p. 29).

Uma evidência dessa fragilidade são os resultados de pesquisa realizada pelo Núcleo Brasileiro de Estágios, a qual mostra que 85,5% dos estudantes de Letras que se inscreveram em seleções de estágios foram reprovados em provas de Língua Portuguesa. Não obstante tais provas não estarem diretamente ligadas à capacidade de o estudante lecionar a disciplina na qual está se formando, deficiências no aprendizado da norma culta da língua explicitam que ele não aprende sequer o essencial do próprio curso. Tal fato denota descrédito na formação oferecida aos estudantes, mostrando-se um entrave nas mudanças de paradigmas na formação do leitor literário que se busca alcançar na educação básica, já que esses estudantes serão os futuros profissionais que terão a responsabilidade de formar toda uma legião de crianças e adolescentes que, se não forem bem instruídos e não tiverem modelos ideais de leitores, dificilmente conseguirão não estar nas estatísticas de analfabetismo funcional, que a cada ano mostra-se distante dos números dos países de primeiro mundo.

Outro fator responsável pelos maus índices de leitura e proficiência leitora são as políticas públicas e/ou a ausência delas no fomento à formação de leitores e na formação de professores mediadores de leitura. Embora algumas delas (mesmo hoje sofrendo cortes consideráveis de recurso) tenham contribuído para democratizar o acesso ao livro literário, como o Programa Nacional Biblioteca Na Escola (PNBE), muitas outras foram pensadas para combater problemas de forma “genérica”, como a atual “Conta Pra Mim – Literacia Familiar”, do governo federal. Segundo o site do Ministério da Educação (2022), “a iniciativa faz parte da Política Nacional de Alfabetização (PNA) e reúne uma série de materiais para orientar as famílias a como contribuir no sucesso escolar dos pequenos”.

Inicialmente, percebe-se que tal iniciativa exclui diversas famílias, tanto por elas não terem meios tecnológicos para acessarem o material oferecido pelo MEC, quanto por não receberem nenhum material físico ou formação para oportunizar aos pais a leitura aos filhos. Dessa forma, tal proposta apenas ressalta o abismo social existente entre as classes mais abastadas, cujos pais têm recursos financeiros para adquirir livros e tempo para lerem para seus filhos desde cedo, das desprovidas de recursos financeiros, e por isso com nível educacional mais frágil e com pouquíssimo tempo para se dedicar à literacia familiar, pois a grande maioria tem jornadas de trabalho longas e exaustivas, ainda dedicando grande parte do tempo livre aos afazeres domésticos.

Portanto, problemas históricos que vêm recebendo soluções paliativas

são fortes entraves na fruição adequada do texto literário na escola. Contudo “em certas condições, a instituição escolar pode transformar-se num âmbito propício para a leitura” (LERNER, 2002. P. 75). Iniciativas exitosas mostram que as escolas têm um papel fundamental na política de formação de leitores, pois mesmo vivendo adversidades, ela consegue dialogar com a sua comunidade, criando projetos que, muito mais do que atacar um problema em si, procuram tornar-se parte da identidade da escola. Foi isso o que aconteceu com o projeto Clube do Livro, da Escola Municipal Dr. Décio de Santana.

2. E nasce o clube do livro...

A Escola Municipal Dr. Décio de Santana, localiza-se no Povoado Curral Falso, no município de Ribeira do Pombal, Bahia. O município, de acordo com o último censo do IBGE (2022), conta com pouco mais de 54 mil habitantes e está situado no Território Semiárido Nordeste II. Estima-se que a população do povoado esteja entre 1.000 e 1.500 pessoas. A maioria da população tira seu sustento da agricultura, pecuária e serviços. Grande parte dela é beneficiária dos programas sociais do governo federal. A escola atende aos alunos do próprio povoado, fazendas e povoados vizinhos, inclusive povoados de outros municípios. Hoje ela tem 256 alunos, ofertando o Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º anos), funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno. Seu corpo discente é formado por alunos de classe média baixa e baixa. Considera-se um alunado diverso etnicamente.

Fiz parte da instituição a partir de 2005, desligando-me dela em 2021. Comecei meu trabalho nela como professor da EJA. Em 2007 lecionei Língua Inglesa para o Fundamental II. Em 2011 fui convidado para fazer parte da equipe gestora com o cargo de vice-diretor. Foi nesse ano que a ideia do Clube do Livro nasceu (a partir de 2012 até 2020 ocupei o cargo de coordenador pedagógico). Percebendo que a instituição recebia diversos acervos de livros do PNBE, mas sem dar um fim adequado a eles, sugeri que deveríamos criar um projeto em que o livro tivesse seu destino correto: o leitor.

A escola, de porte pequeno e na época com falta de espaço, não dispunha de uma sala para criarmos a nossa sala de leitura, já que os livros chegavam e ficavam em armários. Todavia, tínhamos um imóvel alugado para guardar diversos tipos de materiais. Era uma casa com mais ou menos cinco cômodos. Assim, combinamos que ali poderia ser a nossa sala de leitura. O problema de onde e como guardar os livros estava resolvido. Precisávamos agora de um projeto no qual o aluno seria o protagonista na leitura literária.

Era costume os discentes apenas ouvirem histórias contadas por seus professores no fundamental I, sem contato direto com os livros literários. Pensamos em uma iniciativa em que o estudante pudesse sair do papel passivo de ouvinte para o de leitor, que o aluno tanto do fundamental I quanto do fundamental II pudesse escolher um livro do acervo, um livro à sua escolha, lê-lo em casa no período de quinze dias e depois retornar à sala de leitura para compartilhar suas impressões sobre a obra com os colegas e o professor mediador do seu grupo. Quanto à mediação, foi combinado que

o professor de Língua Portuguesa, em algum horário de suas aulas, ficaria com metade da turma e eu, o coordenador pedagógico, com a outra metade na sala de leitura. Ao mediador de leitura caberia organizar a ordem dos comentários dos alunos, acompanhar por meio de ficha, a participação do aluno na experiência proposta e o empréstimo das obras e iniciar pequenos (tendo em vista o pouco tempo) diálogos e questionamentos sobre a narrativa em questão.

Figura 1: Primeiros participantes do Clube do Livro



Fonte: Facebook da Escola Municipal Dr. Décio de Santana

Assim, tínhamos um horário destinado exclusivamente para o aluno resumir e dar sua opinião sobre a obra, avaliar os comentários dos colegas e escolher um novo livro para ser lido em casa. No geral, os alunos assíduos ao projeto liam de 10 a 13 livros por ano. Tal metodologia vai ao encontro de Lerner (2002), a qual afirma que a familiarização com certos gêneros e a consolidação de hábitos de leitura se desenvolvem com atividades com certa periodicidade. “ler na escola é compartilhar o texto e a leitura dele, seja o professor com os alunos, seja os alunos com o professor, seja os alunos com os colegas, seja o professor e os alunos com outros leitores externos à turma” (COSSON, 2021, p. 20). Com o percurso metodológico adotado, o aluno tinha a oportunidade da experiência de leitura solitária, essencial, e a leitura compartilhada, necessária para enriquecer a percepção sobre a obra lida (COLOMER, 2003, p. 129).

A comunidade onde está inserida a escola era carente de práticas leitoras. Consumir livro não estava no orçamento de quase nenhuma família, seja pela dificuldade em adquiri-los, pela situação financeira ou questões culturais. A leitura estava associada à mecanicidade das atividades escolares e a fins religiosos, algo comum a quase todas as comunidades do campo. Isso posto, ver alguém com um livro nas mãos que não fosse a Bíblia, era uma cena um tanto excêntrica que foi se tornando corriqueira no decorrer do tempo nos lares dos alunos da unidade escolar em questão graças ao acervo do PNBE e à iniciativa da escola em criar um projeto que oportunizasse o “encontro do livro com o leitor”. Por isso que “no meio rural, em particular, mais do que em outros lugares, a leitura foi um modo de alargar um pouco o espaço, de viajar sem sair do lugar, de se abrir para o novo, para o que está distante” (PETIT, 2009, p. 96).

Figura 2: Aluno comentando o livro com ajuda da mediadora de leitura



Fonte: Facebook da Escola Municipal Dr. Décio de Santana

De acordo com Petit (2009), tornar-se um leitor é mais uma questão de meio social. Assim, se a comunidade na qual nos encontramos não vive e não valoriza a leitura, dificilmente valores opostos serão repassados para as próximas gerações. No entanto, se a escola mostra que a realidade dada pode ser reconstruída, uma revolução pode ocorrer. Essa quebra de paradigma deve ser coletiva, moldada por todas as mãos que fazem a educação dessa comunidade. Uma vez que o paradigma da não leitura da escrita foi quebrado, resta às gerações protagonistas em tal façanha repassar os novos valores às novas gerações, criando, pouco a pouco, gerações de leitores.

Hoje a escola possui sala de leitura própria, não mais em imóvel alugado, e seu projeto foi adotado desde 2012 por toda a rede municipal de ensino de Ribeira do Pombal como uma alternativa na formação de leitores.

3. Percurso metodológico

A pesquisa em questão apresenta-se como de natureza qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa exige que o mundo seja examinado conforme a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. Todo o seu percurso metodológico está alicerçado na subjetividade dos atores que dela participaram em relação aos fatos e informações apresentados. O trabalho em tela foi solicitado pela disciplina Contação de Histórias e Leituras na Constituição do Sujeito Leitor, ministrada pela professora doutora Rosemary Lapa de Oliveira, do mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A motivação pelo objeto estudado deu-se graças ao fato de o pesquisador ter sido o mentor do projeto de leitura em análise, ou seja, um dos seus criadores.

Optou-se por uma pesquisa *ex-post-facto* por buscar entender as contribuições do projeto de leitura na vida dos ex-alunos que dele participaram, principalmente a compreensão da influência do projeto na sua formação leitora.

O questionário e o grupo focal foram escolhidos como dispositivos de coleta de informações. O primeiro pela comodidade que os meios tecnológicos propiciam para que se alcance o sujeito participante e pelos recursos que oferece, dando oportunidade ao pesquisador de abordar diversos tópicos essenciais de uma mesma pesquisa em um único dispositivo. O grupo

focal “[...] tem como propósito a discussão coletiva, de um pequeno grupo, sobre um tema específico [...]” (MARCONDES; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 44). O grupo contou com a participação de ex-alunos e de mediadores ou ex-mediadores do projeto Clube do Livro. Viu-se na participação desses últimos uma oportunidade de escuta sensível em relação à importância do projeto em suas vidas, as contribuições que deram a ele... Vale ressaltar que os ex-alunos convidados também responderam ao questionário. No entanto, o pesquisador procurou abordar na entrevista semiestruturada tópicos não abordados no questionário, fazendo desse dispositivo um complemento ao primeiro e não uma mera repetição de informações.

A análise dos dados percorreu dois caminhos: análise estatística das informações do formulário do Google e descrição dos discursos colhidos no grupo focal. 50 ex-alunos que estudaram na instituição em algum ano entre 2011 e 2021 responderam ao questionário, aberto dia 12 de julho e fechado para respostas dia 14 do mesmo mês, e 5 ex-alunos e 5 mediadores e ex-mediadores de leitura do projeto participaram do grupo focal, realizado dia 18 de julho de 2022, na sala de leitura da Escola Municipal Dr. Décio de Santana.

4. Resultados

O formulário do Google foi respondido por 50 ex-alunos. Desses, 52% do gênero feminino e 48% do gênero masculino. Resultado relativamente equilibrado estatisticamente. 42% deles, maioria, começaram a participar do projeto entre o 1º e o 5º ano. Embora tenha sido iniciado na metade de 2011, o projeto só se expandiu para o fundamental I em 2012. A partir daí diversos alunos tiveram a oportunidade de participar do projeto durante todo o ensino fundamental I e II.

Quanto aos livros lidos durante o projeto, 68% responderam que leram mais de 20 livros literários. É importante ressaltar que há alunos que leram mais de 100 livros durante o projeto, já que era comum de 10 a 13 livros por ano serem lidos por muitos alunos que participavam assiduamente do projeto. Não houve nenhum ex-aluno que tenha respondido a alternativa “nenhum”, ou seja, que não tenha lido pelo menos algum livro. 22% responderam que leram de 10 a 20 livros.

A influência do projeto mostra-se para além dos muros da escola quando se vê que 82% dos participantes responderam que já chegaram a comentar sobre a história de algum livro que leu para alguns dos seus familiares, 92% já indicaram algum livro que leu para amigos e/ou familiares e 64% já comentaram sobre a importância do projeto Clube do Livro para amigos e familiares. Essa influência que a leitura do outro exerce sobre nós ficou também evidente nas falas dos ex-alunos que participaram do grupo focal. Shirley Reis diz o seguinte:

[...] eu nunca esqueço de um comentário de Cassiano (ex-professor dela) sobre o livro... Era um livro romântico, mas que tirou uma lição tão grande dali, era “Querido John”, e eu lembro de Cassiano falando desse livro, dizendo que ele aprendeu tanto com aquele livro. Aquilo me fez realmente enxergar o amor de outra forma [...].

“Eu o vi (Davi) comentando “Édipo Rei” no último ano, ele comentou... eu fiquei com vontade de ler o livro pelo jeito que ele comentou “, disse Rayane Lima ao ser perguntada sobre o comentário de um colega que a tenha marcado durante os anos de participação no projeto.

“No campo, os leitores – ou leitoras – têm frequentemente que transgredir, ainda hoje, diversos interditos” (PETIT, 2009, p. 105). Um desses empecilhos, ainda de acordo com ela, são os familiares, que olham desconfiados para a leitura e para o jovem que destina diversas horas para ela, principalmente a leitura literária. Todavia, vemos que esse tabu está se rompendo, como mostram tais resultados, pois a visão que muitas famílias do campo têm é de que a leitura torna a pessoa mais inteligente, comunicativa, ou seja, destinam a ela grande status social. Os pais enxergam nos filhos as oportunidades de leitura que nunca tiveram, por isso a não repreensão.

Outro aspecto relevante da influência do Clube do Livro na formação do gosto cultural dos ex-alunos foi o fato de 84% terem respondido que já se interessaram em assistir a um filme por ele ser uma adaptação de algum livro que leu no projeto. No entanto, mostram-se críticos a esse tipo de adaptação, como sinaliza o ex-aluno Davi Souza, que ao não encontrar projeto de leitura no ensino médio, exerceu sua autonomia leitora indo à biblioteca da escola, pegando emprestado “Capitães de Areia”, “depois assisti ao filme, cinquenta vezes melhor o livro”. Essa comparação é comum do público, como salientam (SANTOS; NETO; RÖSING, 2009, p. 272), “Livros e filmes são diferentes por natureza, mas a distinção acaba sublimada pelo público em geral quando um livro é o ponto de partida de uma produção audiovisual. Compreensível que se façam comparações” [...]. Esse juízo de valor é interessante, pois faz com que o leitor exercite seu pensamento crítico.

As perguntas sobre o projeto em si buscaram captar as impressões dos ex-alunos sobre os aspectos do Clube do Livro: importância na formação de leitores, importância na vida dele, a importância dos mediadores de leitura na formação leitora de cada um e a nota que atribui ao projeto. 92% dos participantes consideram o Clube do Livro excelente, apenas um aluno o classificou como ruim. 84% atribuíram nota entre 9 e 10 ao projeto. 74% consideram que os mediadores de leitura foram extremamente importantes na sua formação leitora, enquanto 24% disseram que eles foram muito importantes em sua formação leitora. Essa importância dos mediadores é bastante perceptível nas impressões dos ex-alunos que participaram do grupo focal. Vitória Nascimento disse que o bom desempenho que os alunos da escola apresentaram no ensino médio foi “fruto, muito do trabalho dos professores, mas também do Clube do Livro”. Vólia Maria, uma das mediadoras de leitura, descreveu o relato de um ex-aluno sobre a importância do seu professor mediador: “Ele teve aqui há um mês, e ele, no finalzinho da tarde, não foi Carlos? Ele disse ‘a culpa por eu ter gostado de ler foi de Carlos’. Um relato emocionante de Vitória mostra a importância da professora Maria do Amparo, mediadora, e dos alunos ao incentivar uma aluna com deficiência auditiva a fazer o seu primeiro comentário de um livro:

Porque a gente passou a vida toda insistindo pra ela comentar o livro e ela nunca conseguia. Não por ela não entender, mas por ter vergonha da forma como falava, e

naquele dia a gente ficou dando incentivo a ela, Maria ajudou muito, e ela conseguiu comentar o livro. Então aquilo me marcou muito.

Ficou claro que os alunos saíram da instituição e continuaram lendo. 62% responderam que continuaram lendo de 1 a 5 livros por ano, 12% de 5 a 10 livros por ano, 10% mais de 10 livros por ano e 16% não continuaram lendo. Quando perguntados sobre o principal empecilho para que não lessem ou lessem menos do que queriam, 39,6% disseram que a falta de projetos de leitura abertos para toda a comunidade é o principal entrave, 37,5% disseram que a falta de biblioteca na comunidade é o principal fator, enquanto 22,9% sinalizaram que o principal empecilho é a falta de recursos financeiros para adquirir livros. “Vimos que os interditos, os obstáculos podem ser numerosos para aqueles que provêm de um meio pobre, mesmo que tenham sido alfabetizados: poucos livros em casa, a ideia de que a leitura não é para eles” [...] (PETIT, 2009, p. 138-139).

É notória a falta de incentivo do poder público na promoção da leitura nas comunidades afastadas das sedes dos municípios. Geralmente as bibliotecas escolares são os únicos locais de fomento à leitura nas comunidades do campo. No entanto, elas não conseguem satisfazer as necessidades leitoras de alunos e professores, pois os acervos são insuficientes em termos de quantidade. Diante desse problema, portanto, são incapazes de servirem aos moradores da comunidade, já que o empréstimo do acervo a membros externos prejudicará o acesso dos estudantes e professores às obras. A solução seria a construção de bibliotecas comunitárias e a contratação de mão de obra especializada da própria comunidade para desenvolver ações de incentivo à leitura e à formação de mediadores de leitura.

Um outro fator que contribuiu como empecilho para a descontinuidade na formação dos leitores recém-saídos da Escola Municipal Dr. Décio de Santana foi não haver continuidade do projeto, ou seja, as escolas de ensino médio não adotarem um projeto robusto de leitura. Os ex-alunos que participaram do grupo focal foram unânimes na decepção ao não encontrar um projeto de leitura que desse continuidade às suas rotinas leitoras. O relato de Joana Ramos é ilustrativo do exposto:

Aí tem aquela rotina que a gente estudava normal português... depois a gente ia ler. E a gente procurava e via que estava faltando algo. Depois que paramos pra analisar... era isso que a gente sentia falta. E se tivesse mais um pouco (de leitura), a gente teria se saído melhor no ENEM, as notas, elas teriam sido melhores no ensino médio, é a soma de tudo... É uma falta tremenda.

Rayane Lima também relatou sua desmotivação:

Eu confesso que primeiro achei estranho, porque você chega assim com uma rotina de ler livros por semana, daí chega em uma nova escola, eles não têm isso e acabam não incentivando muito. Como disseram, a professora inventou esse projeto, só que a gente ficou esperando, esperando... Só ficou no papel. Teve, acho que foi no segundo ano, ela passou, fez um trabalho pra gente ler um livro e uma história em cima desse livro, só que não era a mesma coisa. Ela não pegava os comentários, oralmente. A gente ia pra biblioteca. Eu mesmo particularmente não via muita variedade de livros. Então, isso acabava desmotivando um pouco, né? Eu não achei nenhum livro interessante na biblioteca. Aí acabava que eu mesmo tinha que ir

atrás dos livros. Eu tinha livros em casa, eu os lia. Minha prima Melissa também tinha e eu pegava emprestado, ela pegava emprestado também comigo. Eu mesma lia por conta própria.

Em relação às competências e habilidades que o projeto desenvolveu em seus participantes, 36 ex-alunos citaram interpretação de texto como a principal, 28 desenvoltura em falar em público, 26 pensamento crítico e 21 escrita. Os participantes poderiam escolher mais de uma competência/habilidade. Esses dados foram corroborados por todos os ex-alunos participantes do grupo focal. A maioria relatou que os alunos que participaram do projeto destacaram-se no ensino médio. Segue relato de Vitória Nascimento:

[...] a diferença é assim tremenda. Todos os professores falam sobre isso. A diferença em apresentar um trabalho, participar de uma aula, na escrita, na aprendizagem, tudo, é muito diferente. E isso é fruto, muito do trabalho dos professores, mas também do Clube do Livro. Então, assim, faz muita falta.

A impressão da ex-aluna foi corroborada por outros ex-alunos, que afirmaram que a participação no projeto, além de contribuir para o alargamento da visão de mundo, pois a leitura literária proporciona experiências de empatia, reflexão sobre ser e estar no mundo..., contribuiu de forma direta no aprimoramento de diversas competências e habilidades que os ajudaram a trilhar de forma menos limitante o ensino médio.

5. Considerações finais

Este trabalho mostrou, por meio de pesquisa *ex-post-facto*, que o Clube do Livro, iniciativa da Escola Municipal Dr. Décio de Santana, é uma experiência exitosa na formação de leitores. Suas contribuições na formação de leitores são unanimidade entre a amostra da pesquisa, revelando que o projeto trouxe aprimoramento de diversas competências e habilidades, criação de rotina de leitura, autonomia leitora e formação de gosto literário.

No entanto, os ex-alunos da instituição apontam a descontinuidade do projeto nas escolas de ensino médio, falta de projetos de leitura abertos à comunidade e ausência de biblioteca comunitária como grandes problemas que impedem que, ao sair da instituição, continuem lendo na frequência que gostariam. São entraves que devem ser resolvidos pelo poder público, que ainda se mostra indiferente à criação e à execução de políticas públicas eficazes na formação de leitores.

Portanto, este trabalho poderá ter relevância para profissionais da educação que desejem conhecer experiências exitosas na formação de leitores e aos entes das esferas públicas responsáveis por políticas públicas de fomento à leitura, uma vez que ela também revela os sérios problemas na formação de leitores apontados pelos participantes do estudo.

Referências

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em**

educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura:** uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário:** narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021.

ESCOLA MUNICIPAL DR. DÉCIO DE SANTANA. **EMDDS**, 2022. Disponível em: < <https://www.facebook.com/EMDDS/>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português:** que língua vamos ensinar? São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

IBGE. **gov.br**, 2022. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ribeira-do-pombal/panorama>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola:** o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elisabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação.** Belém: EDUEPA, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **gov.br**, 2022. Disponível em: < <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/campanhas-1/conta-para-mim/conta-para-mim-literacia-familiar>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** Uma nova perspectiva. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

SANDER, Isabella. Erros de português causaram reprovação de 83,5% de estudantes em seleções analisadas em pesquisa; especialistas avaliam motivos. **GZH**, Porto Alegre, 16 de jul. de 2022. Educação e Trabalho. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2022/06/erros-de-portugues-causaram-reprovacao-de-835-de-estudantes-em-selecoes-analisadas-em-pesquisa-especialistas-avaliam-motivos-cl4g4k-few009b0167nizyyeok.html>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tania M.K. (org.). **Mediação de leitura**: discussões alternativas para a formação de leitores.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.